

UNIVERSIDADE DE COIMBRA
FACULDADE DE LETRAS



CONIMBRIGA



VOLUME XXXV - 1996

INSTITUTO DE ARQUEOLOGIA

RECENSÕES BIBLIOGRÁFICAS

Pierre SILLIÈRES, *Baelo Claudia. Une cité romaine de Bétique*, Madrid, Collection de la Casa de Velázquez, 1995.

A cidade romana de *Baelo* foi, entre 1917 e 1921, objecto de amplas escavações por P. Paris e G. Bonsor, que, a seu tempo publicaram competentes relatórios. De 1966 a 1990, campanhas anuais conduzidas pela Casa de Velázquez (Madrid) alargaram a área descoberta, que hoje conta com o fórum, o teatro, umas termas e algumas casas. Uma série de monografias (ainda não completa) tem vindo a lume. Mas faltava uma obra de síntese, que Pierre Sillières agora nos proporciona, receoso de que a uns pareça demasiadamente pomenorizada e a outros, excessivamente sucinta. Na realidade, o autor conseguiu um equilíbrio notável e preencheu a lacuna que se fazia sentir entre os desdobráveis turísticos e as monografias dos especialistas. A descrição dos diversos edifícios, que se pode seguir por claras plantas, não é nem excessiva nem breve em demasia.

A cidade de *Baelo*, à qual várias fontes (aqui coligidas) se referem, parece ter sido instalada nos fins do sec. II a.C. Para ela se terá transferido a população indígena que vivia em Siila del Papa, povoado ainda não escavado. *Oppidum* de direito latino sob Augusto, terá sido elevada a *municipium civium Romanorum* entre 41 e 48 d.C., passando então a chamar-se *Baelo Claudia*.

Do fórum de Augusto conhecem-se alguns muros, insuficientes para se lhe reconstituir a planta; data desta época a muralha, cujos vestígios permitem traçar-lhe com segurança o percurso, excepto a sul.

O fórum cujas ruínas são hoje visíveis integra uma série de edifícios datáveis de meados do séc. I d.C. a inícios do II. Perguntando pelas razões da sua renovação, o autor aponta a hipótese de um sismo, que terá arruinado o fórum augustano e obrigado à sua reconstrução, com outra planta. O mesmo sismo terá afectado a muralha, obrigando à sua reedificação parcial ou, nalguns troços, ao seu reforço.

O que é singular nesta cidade é a sua precoce ruína: o *macellum* aparenta ter sido parcialmente abandonado nos fins do sec. II e todos os grandes edifícios parecem arruinados no séc. III (p. 57). De novo o autor recorre à hipótese de

sismos. E mais adiante, falando do templo de ísis, mais uma vez atribui a um sismo a sua destruição nos meados do séc. IV d. C. Parecem sismos a mais, e não podemos deixar de manifestar algumas dúvidas quanto às cronologias que aliás nem sempre estão de acordo com as propostas pelos autores das diversas monografias científicas sobre os monumentos da cidade.

O testemunho das cerâmicas africanas importadas parece aliás desmentir a ideia de uma cidade em ruínas no séc. III. Ou terão mesmo os habitantes de *Bado* vivido desde então numa cidade arruinada, como o autor pretende? Se a cronologia das edificações nos parece segura, a dos abandonos afigura-se-nos pouco convincente e algo estranha. Que dirão os autores das monografias, ainda não publicadas, do Capitólio e da basílica?

Mas “a situação anterior não podia durar sempre. Finalmente, os habitantes de *Bado* fizeram tábuas rasas do passado: demoliram-se os muros que ameaçavam ruína, fizeram-se nivelamentos de tudo (*supomos que o autor se refere ao fórum*) e surgiu uma nova cidade que pouco se assemelhava à antiga” (p. 61). Lamentamos que o autor nos diga tão pouco dessa nova cidade, que sobreviveu até aos inícios do séc. VII. Mesmo assim, não deixa de apresentar-nos as casas tardias que se ergueram sobre as ruínas do templo de Ísis e do *macellum*.

A indústria de garum, que foi, sem dúvida, uma das principais actividades económicas da cidade, parece ter-se extinguido nos finais do séc. III: pelo menos, não há cetária em funcionamento atestada no séc. IV.

Com o autor, desejamos que as escavações de *Baelo* não sofram segundo eclipse, e que possam prosseguir concluída a publicação da série de monografias em curso. A presente obra constitui simultaneamente uma introdução a e um resumo dessas monografias, com pontos de vista originais; é uma obra essencial na bibliografia das cidades romanas da Espanha.

J. ALARCÃO

Augusto de Miranda PINHO, *Normas Práticas de Prospecção Arqueológica*. Edição de Autor, Amarante, 1989, 36 pp., ilustr.

Só agora este opúsculo me chegou às mãos; creio, porém, que nunca será tarde de mais para sobre ele tecermos algumas considerações.

Com mais de 80 anos (nascera em Amarante, a 22 de Agosto de 1904), já impossibilitado de ver, Miranda Pinho não perdeu o seu espírito de lutador pela causa do património e, bem industriado na escola da vida em que seu pai, o conhecido etnólogo José de Pinho, o educara, ditou, antes de falecer, estes leves apontamentos, no intuito de transmitir aos mais novos aquilo que um «saber de experiências feito» lhe proporcionara. Como escreveu Colette Magny, “quando um velho morre, é uma biblioteca que arde”; e Miranda Pinho quis evitar que... a biblioteca ardesse. Honra à sua memória!

Conimbriga, 35 (1996), p. 219-239